

**2º Lugar**

Pseudônimo: LILI MARLENE

## **CORAÇÃO-MORTALHA**

**Venus Brasileira Couy**

**FACULDADE DE LETRAS**

Escrevo-te. Por que você não me escuta, não me responde? Te amo: frase já tão gasta e antiga. O meu corpo está atrasado, solfeja aflito. Tenho poucos minutos. Depressa. Vou desaparecer incólume no ar, no tempo. Os meus desejos desnorteiam-me. Estou descolada. Vou ao sapateiro, à costureira me remendar. Sou a boneca Emília feita de retalhos, de frangalhos. Comecei a falar, assim, depois que tomei as pílulas do Doutor Caramujo. Sou uma mulher aquática, nasci das espumas do mar. Minha memória ecoa nos sinos da Atlântida. Os meus peixes não são comíveis. São peixes violáceos, peixes-seda, peixes-lingerie. Sou o peixe Neon fosforescendo, ardorecendo no aquário. Sou o peixe Acará-Bandeira, listrado e preto, indolente, indomável. Sou-me. Primeira pessoa insólita, desejando-te. Quero aprisionar-te. As minhas garras têm iscas nas pontas dos dedos. Sinto a sua maciez, a tessitura da sua pele, mas você me escapa, desvia por sinuosos caminhos, reentrâncias inesperadas. Não tenho o mapa, o segredo do seu trajeto. Preciso de uma bússola que me oriente, que me indique o seu percurso. Vou fazer um curso intensivo de navegação em mares violentos. Vou para Alcântara. Na proa do barco, já estou tonta. Vou enjoar, tenho vertigens. Sou um espantalho, exibo-me diante de você. Não há maquiagens, adereços. Vivo, apesar de. Olhe-me. Gaste o seu olhar, sem escrúpulos. Multiplique-o. Os meus olhos são caleidoscópios. Embaralho-me. Sou uma daquelas pedrinhas coloridas: amarela, vermelha, azul? Escolha, pelo menos, uma. Sou a mais barata, pedra comum.

Estou perplexa, perplexa com minha incapacidade. Difusa, espalho-me em desordens. Amor: palavra já tão gasta e antiga. Amora-amorável sorvendo em mim. Queimo o meu fogo-fátuo, fático? Preencho-me. Estou oca, barroca, enroscando-me. Você me tortura, amor-cruel, carrasco. Estou na guilhotina com Danton. Estou dramática, trágica. Quero comover-te. Preciso que você ouça, sinta este pequeno ato, esta pequena morte, compacta e fugidia. Os meus sentidos brincam, pregam-me peças. Sou uma terântula esverdeada, consumindo-se. Vejo-te: impenetrável, inviolável. Desagrado-te? Sou feia? Estou aqui disponível, dispondo-me. «Nasci para ser amada, acariciada». E não sou? Serei? Não me mato. Viu? Viu? Viu? Calo-me. Vou expelir-te, não demora muito, é agora. Você não me escapa, gosma cinzenta que me suga. Esvazio-me, furei a bolha incômoda. Tenho asco. Usei uma agulha, uma agulhinha, dessas bem afiadas, que já não se fabricam mais. Matei-te amor-inglório. Já não existo mais. Alguns minutos atrás, existir era consistência. Um caldo de feijão quente no fim da noite, no momento certo, na hora marcada do desamparo. Não sei cozinhar, pedi, pelo telefone, uma pizza. «Entrega rápida», li no anúncio. Vou anunciar-me: mulher-entrega-rápida.

Arrranquei-me, sem raiz. Não brotarei de novo. Vou colocar-me em um jarro de cristal, é mais elegante. Vou durar no máximo uns três dias. A empregada virá e me colocará delicadamente no lixo, como ela sempre faz. Meu coração-relicário compartimenta desejos inúteis. Vou, no próximo inverno, para uma feira em Frankfurt. Quero trocá-lo, meu coração cheira a mofo, tem baratas enormes, vou dedetizá-lo. Coração-naftalínico, adrenalínico, apesar de. Escrevo-te. É isso que me segura, que me prende. Escrita-umbilical que me liga a você. É esta a minha vingança. Viu? Viu? Viu? Estou terrorista, fazendo chantagens, cenas. Mas é assim que funciona. Tenho que usar a sua linguagem para invadir-te. «Então sinto que o amor, não mais uma visita, é mais que isso: invasor de domicílio». Há fios, rizomas comuns nestas velhas estórias femininas. Encontrarei o meu? É esse o meu marca-passo, a linha do meu pré-texto. Desfeita, preciso mover-me. Há horas estou aqui, estática. Os meus dedos, cansados, já não conseguem segurar-te. As minhas pala-

bras, guindastes enferrujados, puxam-te. Estico-as, uma a uma, como uma massa de pastel sem dobras. Coração-elástico: distendo-me. Não tenho fita métrica medindo a tiragem dos meus amores. Estou órfã, horrorizada, matei o meu marido e os meus filhos. Abro a caixa de Pandora e vejo a esperança, úmida e escorregadia, saindo apressada pelos fundos, falsos? Coração-navalha: corto-me. Dói. Onde? Onde? Aqui, neste lugar já tão gasto e antigo. Coração-mortalha: desfaleço no claustro.

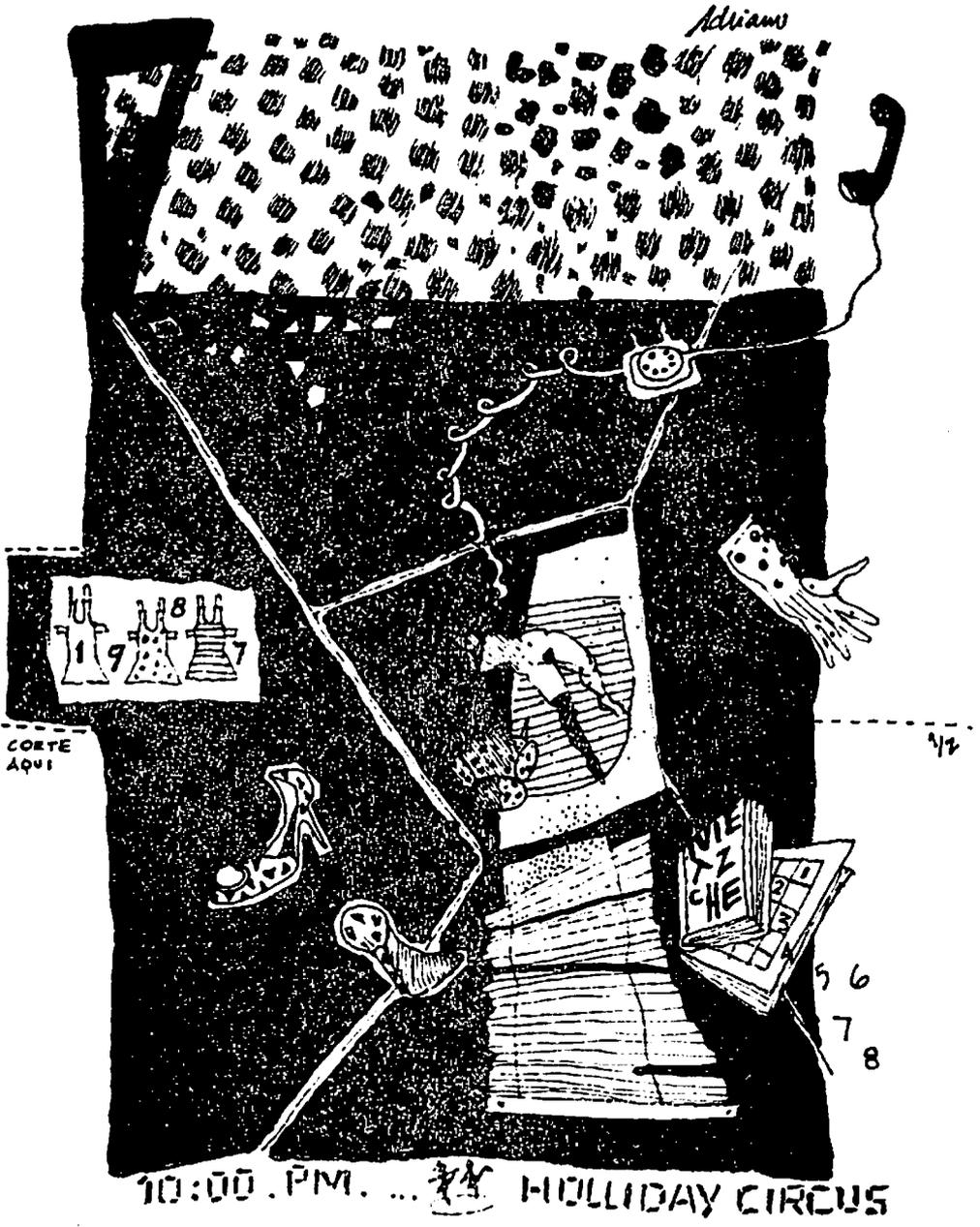


Ilustração: Adriano José de Souza Esteves